

A REPRESENTAÇÃO FEMININA DO ROMANTISMO: UM TRAÇO MARCANTE NA OBRA *DESTINO* DE MAURO GUILHERME

Daniela Oliveira da Silva¹

Indhira Medeiros de Queiroz Lima Lucio²

Laudicéia Penafort da Silva³

Universidade Federal do Amapá

RESUMO

Reconhecendo que a mulher é uma temática comum na Literatura Brasileira, este artigo pretende apresentar, a partir do romance *Destino* de Mauro Guilherme, a figura feminina, destacando as personagens Zuleide e Doralice e relacionando-as com a forma que a mulher, de uma maneira geral, é apresentada no Romantismo. Para isso, faz-se necessário uma breve abordagem sobre esta escola literária, frisando o Romance Brasileiro, além de destacar, neste estilo literário, a presença feminina. Por fim, é pertinente contextualizar a referida obra, para que, dessa forma, seja possível retratar o papel da mulher em *Destino* através das personagens supracitadas.

Palavras-chave: Literatura Brasileira, Romantismo, mulher, *Destino*.

RÉSUMÉ

En reconnaissant que la femme est une thématique commun dans la Littérature Brésilienne, cet article se propose de présenter, d'après le roman *Destino* de Mauro Guilherme, la figure féminine, mettant en évidence les personnages Zuleide et Doralice et les relationnant à la forme que la femme, d'une manière générale, est présenté dans le Romantisme. Pour cela, il est nécessaire une brève approche sur cette école littéraire, en mettant l'accent sur le roman brésilien, au-delà de souligner, dans ce style littéraire, la présence féminine. Enfin, il est pertinent de contextualiser l'œuvre abordée, afin que, de cette façon, soit possible de décrire le rôle de la femme dans le *Destino*, à travers les personnages mentionnées ci-dessus.

Mots-clés: Littérature Brésilienne, le Romantisme, la femme, *Destino*.

¹Concluinte do curso de Licenciatura Plena em Letras. Contato: danielasilva-ap@bol.com.br

²Concluinte do curso de Licenciatura Plena em Letras. Contato: indhira-medeiros@bol.com.br

³Concluinte do curso de Licenciatura Plena em Letras. Contato: lau_unifap@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Durante séculos, a mulher, descrita na Literatura Brasileira, foi predestinada e vista como objeto a ser “lapidado” e moldado para obedecer ao que era pregado pela igreja, para satisfazer as expectativas dos pais e posteriormente do marido, que era escolhido por sua família, enquanto que vontade própria e demonstração real de sentimentos eram aspectos a serem ocultados.

Essa questão é observada, principalmente, nos romances românticos, onde evidencia-se a figura feminina como um ser submisso às vontades do pai ou do cônjuge. No entanto, o Romantismo como escola literária foi fundamental para despertar nas mulheres o anseio por sua autonomia. Para abordar tais temáticas, utilizou-se a obra *Destino*, de Mauro Guilherme, devido a mesma conter traços condizentes com a mulher apresentada pelos prosadores românticos, e ainda, por fazer parte da literatura amazônica.

Com este trabalho, objetivou-se identificar a presença feminina em *Destino* através das personagens Zuleide e Doralice, bem como reconhecer nelas a representação da mulher nos moldes da estética romântica.

Este artigo, em um primeiro momento, busca focar de forma sucinta a literatura brasileira no período romântico. Em seguida, aborda a presença da mulher como uma das temáticas do Romantismo. E, por fim, destaca um estudo sobre o romance *Destino*, dando enfoque para a representação feminina – presente na obra – por meio das personagens Zuleide e Doralice.

Ressalta-se ainda que, para abordar o Romantismo e a temática feminina, fez-se necessário utilizar como suportes teóricos alguns autores, dentre eles, Abdala Jr. & Campedelli (1997), Gonzaga (1995), Roncari (1995), Cademartori (2002), que deram grande contribuição para este estudo.

2 LITERATURA BRASILEIRA: *in foco* Romantismo

Desde o período colonial, a literatura brasileira esteve vinculada às correntes europeias, que exerceram grande influência nas produções literárias. Contudo,

a partir do século XIX, com a modernização ocorrida no Brasil resultante da chegada da família real portuguesa (1808), o Romantismo surge como um movimento de emancipação da literatura nacional.

De acordo com Abdala Jr. & Campedelli (1997, p. 73), “a instauração do Romantismo no Brasil coincidiu com o processo de afirmação de nossa Independência”, sendo que a publicação da revista *Niterói*, lançada em Paris no ano de 1836, foi o marco culminante para a expansão deste movimento literário. Tal revista, que trazia como frase de abertura: “Tudo pelo Brasil e para o Brasil”, teve como um de seus criadores Gonçalves de Magalhães, que através do livro de poemas *Suspiros poéticos e saudades* (1836), deu início ao Romantismo no Brasil, conforme afirma Gonzaga (1995).

Este autor confirma que essa nova vertente literária surgiu com a independência política do Brasil e suas conseqüências sócio-culturais, tais como: o novo público leitor, as instituições universitárias e o nacionalismo ufanista.

Para compreensão do Romantismo brasileiro, Gonzaga (1995) defende a ideia de uma literatura independente, na qual os autores românticos deveriam representar o povo brasileiro, visando:

(...) contribuir para a grandeza da nação através de uma literatura que fosse o espelho do novo mundo e de sua paisagem física e humana (...) e a oposição à arte clássica, optando por voltar-se para a natureza, para o exótico (GONZAGA, 1995, p.43).

Assim, constata-se que a Independência de 1822 fez surgir, no Brasil, um processo revolucionário que despertou no país o desejo de afirmar-se como nação. E é nesse contexto que o Romantismo contribui de forma decisiva para a formação de uma verdadeira identidade nacional e, conseqüentemente, de uma literatura com traços mais brasileiros.

Nessa perspectiva, Roncari (1995, p. 285) aborda que:

(...) o Romantismo teve importância decisiva para a descoberta do país, discussão de seus problemas e para a procura de soluções. Seus escritos já não são apenas “documentos” sobre aspectos da vida brasileira, dos povos indígenas às instituições políticas e religiosas, mas constituem as primeiras tentativas de pensar e representar o país como um todo, como um organismo social e cultural específico, fruto de tradições e lutas.

O Romantismo, ao questionar os princípios clássicos da literatura europeia, teve importância significativa por revelar os aspectos do país – a valorização das particularidades, como a terra natal, os traços regionais – e do homem brasileiro, por focar o sentimento humano e a preferência pelo individual.

Nessa mesma vertente, Cademartori (2002) afirma que o Romantismo enfatiza aspectos das diversas regiões brasileiras, onde o autor é o responsável por descrever o ambiente, destacando a beleza da paisagem e o que era peculiar aos costumes do Brasil. Segundo essa autora, as características que marcam o início do Romantismo são: o individualismo, o emocionalismo e o moralismo.

Gonzaga (1995), por sua vez, considera o indianismo como uma das formas mais significativas do nacionalismo romântico, onde há a valorização e idealização da figura do índio, retratado como herói nacional.

Baseado nos autores abordados, percebe-se que as principais características do Romantismo brasileiro são fundamentadas no indianismo, emocionalismo e nacionalismo, as quais contribuíram decisivamente para a divulgação da identidade brasileira.

2.1 O ROMANCE BRASILEIRO

O Romantismo representa um marco divisor da literatura nacional, pois o movimento surge em consonância com as transformações político-culturais do Brasil na primeira metade do século XIX. Contudo, mesmo com essas transformações, ainda era notória no país a influência europeia, especialmente da França, onde há destaque para o folhetim que, no Brasil, vai representar o surgimento do romance.

Na visão de Abdala Jr. & Campedelli (1997, p. 76), “o romance ainda não fazia parte da tradição cultural brasileira. Ele ganhou o gosto do público com a incorporação da técnica folhetinesca”. O folhetim, por apresentar uma linguagem mais acessível, conquistou, segundo Bosi (1994), novos leitores, principalmente jovens e mulheres, que buscavam uma opção de entretenimento.

Bosi (1994, p. 103), concernente a essa nova produção escrita, defende que “a autoria do primeiro romance brasileiro, *O Filho do Pescador* (1843), se deve a Teixeira e Souza, o qual caminhou o Romantismo para a narração, instrumento ideal para explorar a vida e o pensamento da nascente sociedade brasileira”.

Esse gênero, segundo Roncari (1995, p. 482):

(...) foi-se especializando no tratamento da vida familiar e amorosa, tal como ela era proposta em cada tempo e espaço particular, com os obstáculos e dificuldades típicas de cada um deles (...). O homem, a família, a cidade, o tempo e as mudanças, a variedade de línguas, linguagens e costumes, as diferentes condições sociais, a diversidade de raças e culturas, os contrastes de valores (...), tudo isso passa a ser matéria comum do romance.

Conforme observa-se, o romance paulatinamente foi dando espaço à vida da sociedade brasileira, de maneira a tratar o modo de viver do homem, tanto da cidade quanto das regiões interioranas, explorando temáticas comuns vivenciadas no dia a dia, o falar, os costumes, enfim, o romance foi responsável por colocar em cena o povo brasileiro, mediante as formas: romance histórico; de atualidade ou urbano; indianista e regionalista.

Em suma, o Romantismo pode ser entendido, de acordo com Roncari (1995, p. 286), como “uma visão de mundo, uma forma de o homem de determinado período histórico, no caso a primeira metade do século XIX, representar e interpretar o próprio homem e o mundo a partir dos conhecimentos e valores da época”. Com isso, constata-se mais uma vez que o período romântico buscou uma autonomia da literatura brasileira, a fim de revelar a verdadeira identidade nacional.

3 A PRESENÇA FEMININA NO ROMANTISMO

No Romantismo, a figura feminina foi, a princípio, retratada como uma jovem, adolescente, virgem e pura. Em alguns romances, como *A Moreninha* de Joaquim Manuel de Macedo, por exemplo, é comum encontrar heroínas românticas frágeis, dominadas pela emoção, obedientes às determinações dos pais e educadas para o casamento. Em contrapartida, percebe-se também que há, no período romântico, um retrato de uma mulher associada ao desejo carnal, à sensualidade e ao anseio pela liberdade, como pode-se observar no romance *Lucíola*, de José de Alencar.

Para Wanderley (1996, p. 55), a presença feminina no Romantismo pode ser caracterizada de duas formas: “o ‘anjo do lar’, a mulher dócil, contida e assexuada

vista como pura e sem mácula (sendo o sexo raramente abordado explicitamente na literatura da época); ou a pervertida, livre e má”.

Nesse mesmo sentido, Cademartori (2002) defende que há dois princípios opostos – o bem e o mal – que deram ao romance romântico duas maneiras distintas de descrever a figura da mulher: de um lado, uma personagem perfeita, digna de receber amor; de outro, aquela tida como “satânica”, ou seja, que apresentava comportamentos vistos na época como imorais e anti-sociais.

Da mesma forma, Abdala Jr. & Campedelli (1997) frisam também que, no Romantismo, a mulher era descrita como objeto, ora de idealização, ora de desejo.

Guinsburg (2002), por sua vez, diz que a mulher, nas narrações românticas, aparece virtuosa, inocente, imaculada, virginal, a qual o homem não tem acesso, pois, na maioria dos casos, os amantes pertencem a classes sociais diferentes.

Ressalta-se que a temática da mulher é tratada não somente nos romances, mas também na poesia e no teatro românticos. Em relação a isso, Abdala Jr. & Campedelli (1997) apresentam suas concepções sobre alguns autores do Romantismo, no que diz respeito à figura feminina, como pode-se observar a seguir:

- Álvares de Azevedo (poesia): “apresenta uma visão da mulher idealizada e amada platonicamente” (p.91).
- Castro Alves (poesia): “sua poesia lírico-amorosa não se dirige a uma mulher platônica, apenas amada à distância ou desejada, mas nunca possuída. (...) faz uma poesia dedicada a uma mulher muito próxima, sugerindo, a todo instante, a posse” (p. 99).
- Martins Pena (teatro): “(...) geralmente coloca nas personagens femininas, principalmente nas jovens, ousadias de vários tipos – são voluntariosas, sedutoras, relativamente livres e espontâneas” (p.117).

Gonzaga (1995) também destaca o modo como a mulher é descrita nas produções de:

- Gonçalves Dias (poesia): “o poeta confessa sua afetividade, suplica a paixão da mulher, e não encontra resposta, restando-lhe o desespero” (p. 49).
- Álvares de Azevedo (poesia): “a mulher aparece como símbolo do erotismo e da pureza virginal, como prostituta ou como virgem, ou seja, (...) é desprezível ou inatingível” (p. 51).

Sendo assim, dentro da estética romântica literária, a figura feminina, quando utilizada para representar o amor inocente que motiva inspiração, é identificada como um ser angelical, enquanto que, se associada aos desejos da carne, torna-se uma personagem fora dos padrões morais da época, capaz de mudar a vida do homem e de levá-lo à morte ou à loucura.

Logo, a figura da mulher pura, bondosa, por exemplo, será associada a um exemplo moral a ser seguido pela sociedade, por sua “perfeição” de caráter e sua moralidade irrepreensível.

4 CONTEXTUALIZANDO A OBRA

Mauro Guilherme, autor do romance *Destino*, nasceu na cidade de Belém, Estado do Pará, no ano de 1965, formando-se em Direito no ano de 1988, mas desde 1991 mora no Estado do Amapá, onde é Promotor de Justiça. É membro da Associação Amapaense de Escritores e da União Brasileira de Escritores – SP. Publicou os livros *Reflexões Poéticas* (poemas, 1998), *Humanidade Incendiada* (poemas, 2003) e *XI Contistas da Amazônia* (Antologia, 2003). Foi premiado no XI Concurso de Contos da Região Norte (2003), realizado pela Universidade Federal do Pará, no IV Prêmio Brito Broca de Literatura (2004), do governo de Guaratinguetá – SP, e no Prêmio Literário Cidade do Recife 2005, com a obra em questão.

Destino situa-se em meados do século XX, na vila de Peixe-boi, no interior do Estado do Pará, num cenário composto por florestas, rios e animais. Através de uma história de amor, infere-se que o autor conduz a uma reflexão sobre o destino humano, além do determinismo ou o livre arbítrio do homem. E ainda, apresenta ao leitor obras-primas da literatura nacional e da estrangeira, por meio, principalmente, de notas de rodapé.

Levando em consideração que *Destino* de Mauro Guilherme ainda seja de pouco conhecimento público, optou-se por apresentar um breve resumo da obra:

Em 1943, tendo como cenário o vilarejo paraense de Peixe-boi, Sabará, um jovem vaqueiro, amante de livros de literatura, reencontra Doralice, amiga de infância, por intermédio de um acidente no rio. Esta, filha de um fazendeiro de posses da região, retirara-se da vila desde seus oito anos de idade para estudar em um colégio interno administrado por freiras na capital. Doralice, recém chegada de

Belém, retornara professora formada, decidida a exercer a profissão, entretanto, seu pai, Berêncio do Carmo, já havia traçado seu destino ao acertar o casamento dela com Glauco Tavares, também filho de fazendeiro. A partir de então iniciam-se os conflitos, pois Doralice e Sabará, ao recordarem as felizes aventuras da infância, agora estavam apaixonados e decididos a lutar pelo amor que sentiam um pelo outro. A jovem, com ideais diferentes das demais mulheres da época, inclusive da própria mãe, Zuleide, decide ir de encontro à palavra do pai, recusando-se ao noivado diante de ambas as famílias. Berêncio, vencido pelo amor e pelos argumentos da filha, cancela o contrato que havia feito com os Tavares, fato que provoca nestes um sentimento de traição. Sentindo-se desonrados, Glauco e seu pai encomendam a morte de Berêncio, a qual atribuíram a autoria a Sabará. Na busca pelo “criminoso”, estes fazendeiros dão início a uma série de crimes de tortura e assassinato, até finalmente serem presos. Quatro décadas depois, os personagens se reencontram para um desfecho inesperado, onde o antagonista, Glauco Tavares, depois de descobrir um câncer no pulmão, torna-se padre na cidade de Belém, onde residem Doralice, professora aposentada e Sabará, professor de literatura. O reencontro deste triângulo relembra o passado sofrido em que viveram, mas também permite-lhes a oportunidade de apagarem toda a dor através do perdão.

Quanto ao estilo literário, a obra em questão, embora tenha sido escrita no período contemporâneo, apresenta traços do Romantismo, tais quais, a valorização da natureza, através da descrição da paisagem local; o emocionalismo, ao abordar o sentimento das personagens; o moralismo, ao frisar a preocupação com os costumes da época; o individualismo, ao expor o interesse das personagens pelo individual.

Assim sendo, pode-se afirmar que *Destino* insere-se nos padrões do Romantismo, visto que o autor mostra traços que o inserem no romance regionalista pelo modo como descreve suas personagens e o espaço da história. Infere-se que essa descrição tem como finalidade a construção de uma cultura brasileira autônoma, por mostrar tradições e diferenças culturais relativas à vila de Peixe-boi.

5 A MULHER EM *DESTINO*: uma análise comparativa nos moldes românticos

Na estética romântica, para Abdala Jr. & Campedelli (1997, p.117), a mulher, seja rica ou moça pobre é uma “mulher caseira, representante da instituição familiar, para quem o casamento é o fim último, a ser preservado de qualquer maneira”. Na obra, essa visão não é diferente:

(...) Mulher não foi feita pra pensar, que homem não gosta disso. Eu te mandei pra lá [colégio interno para moças, administrado por freiras] pra tu voltar estudada, puder orientar bem os filho nas tarefas da escola e assim orgulhar teu marido (p. 106).

Vale ressaltar que, no período de 1943, quando se passa a trama:

(...) Na vila de Peixe-boi, a sociedade patriarcal, em que o homem era senhor da esposa e dono dos filhos, estava em plena voga. Nunca se tinha ouvido falar ali em sociedade consensual, na qual marido e mulher tomavam a decisão juntos. A mulher cuidava somente do lar, enquanto o homem trabalhava fora (*Destino*, p. 107).

Diante dessa concepção, busca-se traçar o comportamento das duas personagens mais evidentes no romance, Zuleide (mãe) e Doralice (filha), identificando assim, a presença feminina na obra através dessas personagens e reconhecendo nelas traços identitários da mulher na estética romântica.

5.1 ZULEIDE

Mauro Guilherme apresenta esta personagem na condição total de inferioridade em relação ao seu marido Berêncio do Carmo. Com isso, no romance, Zuleide é descrita como “uma pessoa muito boa, mas que sorria pouco e, quando o fazia, dava um sorriso pálido, insosso” (p. 68).

Infere-se que tal comportamento decorre do fato de os pais de Zuleide terem lhe arranjado um casamento com alguém que ela não conhecia. Nesse sentido, o autor ressalta que:

(...) quando Zuleide era jovem, era tão bonita e alegre quanto a filha [Doralice], cheia de vida e de sonhos. Apaixonara-se por um pescador, mas os pais, não sabendo disso, ou por isso mesmo, deram sua mão em casamento para Berêncio do Carmo (...). Ela, apesar de amar o pescador, não opôs nenhuma resistência ao enlace, conformando-se com o seu destino (...). Desde então, mudou, tornando-se passiva e acomodada, parecendo ser infeliz (p. 68, 69).

Percebe-se que Zuleide é a representação da mulher idealizada romântica, devido a mesma ter aceitado, de forma pacífica, o matrimônio que lhe foi imposto, sendo que na sociedade patriarcal em que discorre a trama, era comum o casamento por interesse pretendido pelos pais. No caso de Zuleide, foi com o fazendeiro Berêncio do Carmo, que por ser um “bom partido”, segundo a família, lhe daria uma boa condição de vida.

Isso, de fato, lhe foi proporcionado, entretanto, na visão da mãe da personagem em questão:

(...) o casamento influenciara na capacidade de Zuleide ter filhos, pois só teve Dora. Nunca mais engravidou. (...) ela perdera o viço porque nunca esqueceu Manoel Fernandes [o pescador], que, depois do matrimônio, sumiu no mundo e não mais foi visto (p. 69).

Mais uma vez, observa-se em Zuleide o papel da mulher romântica, destinada ao casamento e a ter muitos filhos. Sobre essa questão, Berêncio:

(...) reclamou muito, porque sonhara ter a casa cheia de filhos como os outros fazendeiros do lugar, dizendo à esposa que ela o estava envergonhando diante dos seus conterrâneos, já que alguns achavam naquele lugar que ter pouco filho era sinal de pouca macheza (p. 69).

Mesmo assim, Berêncio acreditava que sua esposa tinha tudo o que queria, ao dizer:

(...) tua mãe [Zuleide] tem tudo que uma mulher quer. É mãe, é esposa, tem criada, casa, comida e roupa lavada. (...) O amor vem depois e, se num vier, não é o principal da vida pra uma mulher. O principal da vida é ter um bom marido, que dê teto e num deixe passar fome (p. 106).

Observa-se que Zuleide é uma personagem que retoma o passado histórico da mulher: servil, submissa, “respeitadora”, ou seja, obediente aos padrões da sociedade patriarcal. Mas, mesmo tendo um comportamento considerado, na época, exemplar, era privada de escolhas, principalmente em relação ao casamento, imposto pelos pais. Nesta sociedade, o homem era senhor da esposa e das filhas e, quando estas últimas eram entregues ao matrimônio, tal incumbência era transferida ao marido.

Mauro Guilherme ressalta que era comum na vila de Peixe-boi a mulher respeitar o casamento, como é possível constatar na figura de Zuleide, que vivia dedicada aos afazeres domésticos, a cuidar do marido, não envolvendo-se em atividades fora do lar, exceto àquelas promovidas pela igreja.

Dessa forma, entende-se Zuleide como uma mulher que apresenta características condizentes com aquelas retratadas nos romances românticos, visto que seus instintos, enquanto humanos, são comedidos e encaixam-se aos caracteres românticos da pureza, da idealização, da obediência, da resignação.

5.2 DORALICE

De acordo com a obra em estudo, à partir do ano de 1943 – paralelo à concepção de mulher apresentada através da personagem Zuleide – surgia uma nova mentalidade que estava tomando as mulheres do mundo. Elas não eram ainda as revolucionárias da década de 60, mas já tinham direito pleno a voto desde 1932.

Sendo assim, contrária ao retrato de Zuleide, mulher idealizada romântica, Doralice é descrita por Mauro Guilherme como:

(...) uma mulher à frente de seu tempo, ainda mais que nascera e morava no interior de um país agrário. Porém, o que ela tinha de revolucionário (...) era o direito de escolher o seu próprio destino, até mesmo elegendo um homem para casar (p. 57).

Dora pertencia a uma classe de mulheres que reinariam no futuro. As que não se dobravam a conceitos ancestrais, as que não aceitavam ser serva do marido ou viver à custa dele, só cuidando do lar. Tinha planos, também queria crescer na vida, mostrar do que era capaz (p. 107).

Baseado nos trechos acima, nota-se uma outra postura da mulher, não mais submissa e idealizada, como ressaltam Abdala Jr. & Campedelli (1997) ao afirmarem que a presença feminina no Romantismo não se dá apenas por meio de mulheres passivas. Segundo eles, é possível perceber que na concepção da moderna sociedade ocidental, as mulheres – principalmente as jovens – buscam realizar seus objetivos, tanto na esfera amorosa quanto profissional. Era o que visava Doralice, ao voltar do Colégio Interno, ao dizer “que a mulher tem de buscar o seu destino com os mesmos direitos que o homem” (*Destino*, p. 36).

Com essa visão, pode-se dizer que Doralice não pensava como as outras mulheres da vila de Peixe-boi, que viviam atreladas a costumes ultrapassados, educadas para o casamento. Ela sabia que devia ter os mesmos direitos que o homem, e, por isso, voltou à sua terra com novas ideias. A partir desse momento, Doralice diferencia-se de sua mãe Zuleide, que apresentava uma ideia conservadora da sociedade, em que a mulher era apenas objeto.

Doralice, por sua vez, criticou até mesmo a instituição casamento e foi contra toda uma ordem estabelecida, a qual Berêncio do Carmo havia acertado o seu matrimônio com o filho de um fazendeiro da região:

[Doralice] Se alguma palavra foi dada, não foi a minha. E há melhor partido sim, que é aquele que a própria pessoa escolhe. Eu nem conheço o rapaz! Imagine casar assim? Os tempos são outros (p. 105).

[Doralice] Devo comunicar ao senhor meu pai que ninguém decide meu destino por mim e que é de bom tom consultar a noiva antes de marcar o noivado (p. 58).

[O autor] Dora não era como a maioria das mulheres da vila de Peixe-boi (...). Não ia espiar marido crescer enquanto ela diminuía (p. 51).

[Doralice] Mulher não foi feita só pra casar e ter filhos, nem para obedecer a ordens do pai ou do marido (p. 36).

Com isso, Doralice, no desenrolar da trama, consegue alcançar seu objetivo, de convencer Berêncio do Carmo de que cada um deve escolher o seu destino: com quem casar, não submeter-se às vontades do marido, enfim, buscar a felicidade, a qual adquiriu por meio do casamento com quem ela desejava, dando a *Destino* um final feliz, agradável aos leitores.

Doralice, por um lado, representa o perfil da mulher idealizada. Por outro, representa um espírito revolucionário que não aceita o casamento arranjado, a servilidade ao esposo, tampouco que as pessoas decidam seu destino. Ressalta-se que esse último aspecto não significa ato de desobediência familiar, tanto é que a mesma conserva um grande respeito pelo pai: “Eu respeito muito meus pais, mas não voltei pra cá para ficar presa em uma fazenda” (*Destino*, p. 36).

Enfim, os comportamentos apresentados por ambas as personagens refletem aspectos da sociedade de seu tempo. Daí afirmar que, no Romantismo, o tempo adquire uma feição histórica, sendo um agente de mudanças dentro do contexto social, como afirma Roncari (1995, p. 284):

O envolvimento com os problemas do tempo e da nação deu a literatura brasileira uma grande capacidade de descobrir e revelar o país nos seus contrastes, diferenças sociais e regionais, dissensões culturais, religiosas e políticas. Os temas universais do homem, como (...) o destino pessoal, passaram a ser representados num espaço e tempo históricos, seja no Brasil do século XIX, seja em algum momento do passado colonial (...). Agora as personagens (...) têm características que as situam na sociedade da época.

Justifica-se, desse modo, o fato de que, apesar do cenário da obra ser o século XX, o autor retoma – através de Zuleide e Doralice – as formas que a mulher

era representada no Romantismo, tais quais: acomodada, passiva, submissa, dedicada ao lar, ao marido, aos filhos; e ainda, ativa, decidida e revolucionária.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por verificar que a mulher é uma temática constante nos períodos literários, o tema levantado neste artigo despertou interesse, pois considera-se importante a observância da maneira que a figura feminina era retratada no romance romântico. Daí a necessidade de fazer uma comparação entre a mulher do período romântico e aquelas – Zuleide e Doralice – apresentadas em *Destino*.

O estudo proposto neste trabalho surgiu de uma atenta co-relação entre o perfil feminino presente no romance romântico do século XIX e de um paralelo com os perfis das personagens femininas principais do romance *Destino*, de Mauro Guilherme, tendo como cenário o século XX.

Dessa forma, pode-se concluir que o Romantismo, enquanto estilo de época, foi um dos primeiros movimentos a retratar a mulher dentro do contexto social e que influenciou sobremaneira essa mesma leitura de mulher nos movimentos literários posteriores.

REFERÊNCIAS

ABDALA JR., Benjamin; CAMPEDELLI, Samira Youssef. **Tempos da Literatura Brasileira**. 5ª Ed. Série Fundamentos. São Paulo: Ática, 1997.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 33ª Ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CADEMARTORI, Lígia. **Períodos Literários**. 9ª Ed. São Paulo: Ática, 2002.

GONZAGA, Sergius. **Manual de Literatura Brasileira**. 12ª Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

GUILHERME, Mauro. **Destino**. São Paulo: Scortecci, 2006.

GUINSBURG, J. **O Romantismo**. 4ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

RONCARI, Luiz. **Literatura Brasileira**: dos primeiros cronistas aos últimos românticos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

WANDERLEY, Márcia Cavendish. **A Voz Embargada**: imagem da mulher em romances ingleses e brasileiros do século XIX. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.